

MAL-ESTAR E ANSIEDADE NO MUNDO LÍQUIDO

MALaise AND ANXIETY IN THE LIQUID WORLD

Danielle Jacira Silvino Santos ¹⁵⁷
Gilson Xavier de Azevedo ¹⁵⁸

RESUMO

O objetivo desse artigo é descrever o sintoma da liquidez do século atual, por meio da ideia de ansiedade e mal-estar. Justifica-se esse estudo pelo que venho observando no século XXI e pela necessidade constante de que a sociedade passa por uma mudança de ideias que não encontram mais solidez, ou seja, continuidade. O problema em questão é demonstrar e narrar como o mal-estar e a ansiedade estão presentes nesse mundo que Zigmunt Bauman chamou de líquido. A hipótese desse artigo será narrar pontos para tal influência. A metodologia é exploratória de caráter bibliográfico revisional. Como resultado, é esperado que haja um melhor entendimento e debate sobre o assunto abordado.

Palavras-chave: Ansiedade, Liquidez, Indivíduo.

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe the symptom of the actual century liquidity through the anxiety and unrest. This study is justified by what I have been observing in the century we live nowadays and for the frequently need of change of mind that the society has been through. The objective in question is demonstrate and tell how the unrest and anxiety is spread in this liquid world. The hypotheses of this article it will be show the points for this influence. The methodology is exploratory of bibliographic character. It is expected as a result that there are a better understanding about the subject around and a debate around it.

Key-words: Anxiety. Liquidity. Selfhood.

INTRODUÇÃO

O século XXI narra o fato de que esta-se sendo moldados a viver cada vez mais com pressa, com medo, preocupados e colecionando relacionamentos descartáveis; a crescente propensão ao consumo está sendo colocada como modo de satisfação quando algo não vai bem. Pode-se afirmar que a origem da ansiedade está ligada ao temor primitivo da ausência do amor. Segundo Zygmunt Bauman (2005) o termo “líquido” refere-se ao contexto de quebra do estilo de vida “sólido”, que vigoraram pelo menos até a primeira metade do século XX. O atual momento de liquidez que o mundo vive ou tenta viver avalia-se como desenvolvimento de ansiedade.

¹⁵⁷Graduada em Educação Física (Universidade Estadual de Goiás, 2018), daniellesilvino@outlook.com.br

¹⁵⁸ Professor orientador: Doutor em Ciências da Religião (PUC GO, 2017), gilson@faqui.edu.br

Considerando a filosofia de Schopenhauer, o sofrimento vem do desejo. Logo, o "segredo" para não sofrer, é não desejar tanto. O mundo vive uma nova realidade social, caracterizada pela frustração em relação aos projetos de longo prazo, assim conseqüentemente a sociedade passa por mudanças de ideias dia a pós dia caracterizado pelo mal-estar social.

A era atual impulsiona o individualismo egoísta, tal individualismo que exige uma liberdade de escolha e que produz no sujeito uma grande ansiedade pelo fato de que todo indivíduo é responsável pelo seu próprio destino, assim então se torna perfeito o avanço do capitalismo consumista que preenche o vazio existencial do ser humano.

O atual momento de liquidez é propício para o desenvolvimento da ansiedade, com isso somos capazes de perceber que mais e mais pessoas se mostram incapazes de lidar com a espera e o capitalismo em excesso. Logo, a necessidade da espécie humana é obrigada a encarar a liberdade, na mesma medida em que deseja-se satisfazer nossos interesses, somos acometidos pela preocupação com a proteção e as ações dos outros.

O indivíduo passa a entender que a "felicidade", é algo passageiro que é de certo modo, a maneira de se sobreviver no século atual, assim a modernidade líquida é caracterizada pelas relações rápidas, pelos sentimentos superficiais, pela verdade temporárias, pelo consumismo que constrói cada indivíduo a partir do momento que ele descobre como preencher o vazio e pela vontade de liberdade acompanhada pelo medo da solidão.

Para discutir essas e outras questões, busca-se a seguir pensar a questão do conceito de modernidade líquida, depois, a noção de vida líquida e por último, as razões desse mal-estar pensado por Bauman a partir de um contexto de mundo no qual, o ser humano não é mais o sujeito principal, mas um escravo consumista.

1 O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

Segundo Bauman, enquanto a modernidade sólida, entendida aqui como uma era de certezas e de fechamento comercial e cultural dos países, ofereceu estabilidade, segurança e privacidade, a modernidade líquida é fortemente marcada pela liberdade, instabilidade, incerteza e medo, na qual, indivíduos se culpam por todos seus fracassos, Bauman (2001) definiu como modernidade líquida um período que se iniciou após a segunda guerra mundial, o período passado ficou caracterizado como solido. Bauman explica como surgiu essa sua designação de liquidez:

Procurei um termo que não nos diria apenas o que essa condição deixou de ser, mas também que qualidade ela adquiriu que a distingue da modernidade clássica e, por conseguinte, exige uma nova caixa de ferramentas analíticas e uma nova agenda para estudos sociais e culturais. O termo “liquidez” é o que melhor se adequa ao meu propósito: o aspecto definidor de “liquidez”, a incapacidade de reter sua forma por muito tempo e sua propensão a mudar de forma sob a influência de mínimas, fracas e ligeiras pressões é o traço mais óbvio e, em minha opinião, a característica mais consequente de nossa atual condição sociocultural (BAUMAN, 2015)

Passou-se de uma sociedade sólida para uma líquida, a qual, tem suas vantagens e desvantagem; a liquidez faz com que a sociedade seja mais bem adaptada aos meios, preencha um ambiente com facilidade, assim o indivíduo é que moldará a sociedade se adaptando da maneira que lhe convém. Entretanto a modernidade líquida nos dá uma sensação de fracasso por tanta fragmentação¹⁵⁹; por isso, uma questão muito importante para Bauman será a construção de uma ética dentro desse cenário fluido.

As condições necessárias para garantir a sobrevivência humana (ou, ao menos, para aumentar suas probabilidades) deixou de ser divisível e 'localizável'. O sofrimento e os problemas de nossos dias têm, em todas as suas múltiplas formas e verdades, raízes planetárias que precisam de soluções planetárias. (BAUMAN, 2015).

Bauman (2015) utiliza a metáfora da liquidez para fazer um contraponto com os tempos da certeza que seriam identificados pelo estado sólido da rigidez militar, política e econômica. A depressão e a ansiedade hoje estão em alta, pois as pessoas são “forçadas” a consumir mais para que as mesmas possam se encaixar em sociedade, a sociedade moderna não se fixa a um espaço ou tempo, assim a qualquer momento poderá haver mudanças em qualquer uma das estruturas sociais.

O atual momento de liquidez é extremamente propício para o desenvolvimento de distúrbios como a ansiedade; as relações humanas ficaram abaladas com o surgimento da modernidade líquida, a amizade e os relacionamentos amorosos são substituídos por conexões, que, a qualquer momento, podem ser desfeitas, o indivíduo perdeu-se o encanto, perdeu-se a vontade de viver algo duradouro, com isso e outros fatores a ansiedade esteve caracterizada com a doença do século. “A nossa é uma era, portanto que se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições” (BAUMAN, 2001, p. 158).

¹⁵⁹ A fragmentação recobra a dificuldade de conexão entre áreas do saber. Somos seres fragmentados porque em tese, recebemos muitas informações, mas não sabemos o que fazer com elas, ou seja, transformá-la em conhecimento.

Esse tempo da modernidade líquida gera ansiedade e a sensação de ter perdido algo ou de que esta-se vivendo de uma maneira errada, o indivíduo está sempre se comparando com os demais, vive-se um tempo em que esta-se constantemente correndo atrás, os jovens crescem com a ideia de que para se encaixar no meio a qual se vive diariamente é necessário o consumo, desde então é desenvolvida ansiedade pelo mesmo vive-se o tempo do conecta e desconecta.

Bauman cita que:

Somos dependentes dos estímulos externos: as mensagens que chegam no celular, o iPod, as conversas pela internet. A alternativa para o tempo não preenchido com esses estímulos não é mais vista como tempo de reflexão, de autoquestionamento, de conversa consigo mesmo, mas de tédio. Nós somos seres que se escoram no que vem de fora. Perde-se a capacidade de nos autoestimular” (BAUMAN, 2001)

Nos torna-se reféns do consumo imediato e do individualismo¹⁶⁰. Assim que a ansiedade toma posse do sujeito, e esse indivíduo vem a perceber, ele procura ajuda com o auxílio de terapia. Devido a tal modernidade, o mesmo não se vê seguro para utilizar os laços familiares e esses então se tornarão frágeis, virtuais demais, demonstrando pouco ou nenhum afeto o que dificulta ainda mais a luta contra a ansiedade, pois o individualismo quase altista do século XXI, aprisiona os indivíduos em suas redes sociais, eles deixam de experimentar o mundo cotidiano e passam apenas a interagir virtualmente, ampliando o abismo de seu vazio existencial (LACAN, 1985).

Esse tempo da modernidade líquida gera ansiedade e a sensação de ter perdido algo. Não importa o quanto tentamos, nunca estaremos em dia com o que aparentemente nos é oferecido. Vivemos um tempo em que estaremos constantemente correndo atrás. O que ninguém sabe é correndo atrás de quê.” (BAUMAN, 2001).

Nesse ponto pode-se reconfigurar o autoconhecimento de si, para que então o indivíduo sintase bem consigo e possa controlar tal ansiedade desenvolvida. Experimentar o novo faz do século atual o que ele é, a saber, um emaranhado de conflitos, entretanto, essa mudança do sólido para o líquido, o torna-se livre da sociedade, mas essa liberdade tem suas consequências, pois os indivíduos deixam de lado os porquês de cada situação e como esperado as críticas se transformam em reflexões e questionamentos, de

¹⁶⁰ Nesse caso, individualismo remonta a questão de um isolamento em relação aos demais indivíduos, é se ver como único indivíduo excluindo a necessidade dos demais.

modo que, ser livre no século atual é um trabalho difícil, o homem dificilmente se sentirá plenamente livre no mundo líquido, mesmo que o século XXI seja visto como a Era das Liberdades (ZIZEK, 2003).

Buscou-se evidenciar aqui a noção de modernidade líquida a partir de Bauman. Busca-se a seguir compreender melhor, o conceito de vida líquida com base no mesmo referencial listado.

2 A NOÇÃO DE VIDA LÍQUIDA

A vida líquida é uma vida de consumo, sem formas, tudo muito rápido; vive-se momentos de consumismo e interação; a sociedade do consumo faz com que se preencham vazios emocionais por meio de compras; os indivíduos do século atual vivem uma vida, à qual, sempre trazem problemas, ficam presos a loucura do século em uma dança macabra e frenética de não identidade e movimento. Em seu cotidiano pessoal, vivem essa mudança de sólido para líquido diariamente, de modo que, ser indivíduo na sociedade líquida não significa simplesmente ser bom consumidor, mas também ser produto (BAUMAN, 2005).

Os indivíduos moldam-se de uma forma técnica, com isso, com a rapidez que as coisas acontecem hoje em dia não se tem tempo de parar e pensar “o que está acontecendo comigo?”, vive-se com muita intensidade, até mesmo sem pensar no amanhã, uma completa ausência de consciência; o que vale é o aqui e o agora. Por um lado, essa rapidez se torna algo bom, mas por outro lado, o indivíduo não se dá conta dessa rapidez, dentro disso pessoas e mais pessoas desenvolvem transtornos diariamente (TFOUNII; SILVA, 2008).

Na pós modernidade encontra-se um momento profundamente carente de certezas, proteção e segurança, os medos são inúmeros e inseparáveis da vida humana. Assim os mal-estares que eram a marca registrada na modernidade resultam do excesso da ordem e sua inseparável companheira a escassez de liberdade (BAUMAN, 1998, p. 8)

Demonstrar medo de não acompanhar o presente século, medo de ficar excluído frente a isso, faz com que o indivíduo não se encaixe no meio, com isso vem a solidão que muitas das vezes não é aceita em seus primeiros sintomas, leva tempo e esforço para ser aceita. Com a solidão o sujeito descobre a loucura dentro de si, expressa na situação de: “como viver sozinho?”. Percebe-se como ser humano sozinho e ao mesmo tempo social,

desde a infância não se sabe ficar sozinho, o sujeito precisa ser interdependente e carece de outrem para se construir socialmente (ZIZEK, 1999).

As redes sociais hoje em dia podem preencher a solidão, a liquidez na qual vive-se muitas coisas, mas ao mesmo tempo, tudo é muito fugaz. As vivências até mudam o estilo de vida, mas sem satisfação, sem preenchimento duradouro. É sempre necessária uma nova situação que injete adrenalina para se sentir vivo. Para Jamerson (2002) o autoconhecimento e o questionamento se tornam essenciais para que o indivíduo possa se adequar às mudanças e não morrer da loucura que o mesmo carrega e que o torna vazio.

A inovação de “amar o próximo como a si mesmo” diz Freud em (o mal-estar da civilização, 1930) é um dos preceitos fundamentais da vida civilizada, é também, o que mais contraria o tipo de razão que a civilização promove: a razão do interesse próprio na busca da felicidade.

O desejo precisa de tempo para geminar, crescer e amadurecer. Numa época em que o “longo prazo” é cada vez mais curto, ainda assim a velocidade de mutação do desejo resiste de modo obstinado à aceleração (BAUMAN, 2003, p. 26).

Diante disso analisa-se que o desejo vem suprimindo a necessidade do sujeito para a efetivação da felicidade; o sujeito consome para se sentir melhor, mas não se sente, daí ele consome mais e mais e já exausto de não encontrar paz, conforma-se a essa vida repleta de emoções miseráveis, passa a acreditar que a felicidade não existe e atrela-se ao mundo líquido como uma espécie de escravo.

Tal noção de vida líquida, leva essa reflexão ao seu último estágio que é a relação entre modernidade líquida, vida líquida e mal-estar pós-moderno.

3 MODERNIDADE, VIDA E MAL-ESTAR PÓS-MODERNO

Para Bauman (2001; 2003), a sociedade passou por um processo de individualização. Hoje, as pessoas agem de forma mais autônoma, mas em contrapartida demonstram menor capacidade para resolver problemas de forma coletiva, e assim a tendência é sempre culpar o outro por todo infortúnio da vida corriqueira.

Socialmente a modernidade trata de padrões, com isso o indivíduo tem em mente que a modernidade está sempre prometendo que o dia seguinte será melhor que o momento atual, o padrão que a sociedade segue é carregado de esperança com isso avalia-se o que o filósofo Bauman, no livro O mal-estar da pós-modernidade, cita:

A civilização se constrói sobre uma renúncia ao instinto. O mal-estar viria precisamente dessa limitação da liberdade em troca de mais segurança, especialmente quando essa restrição da liberdade não resulta em mais proteção (BAUMAN, 1998).

A época atual é marcada pelo desemprego estrutural; o mundo pós-moderno se torna qualquer coisa menos imóvel. A mudança paradigmática demonstrada por Heráclito, encontra seu ápice no século XX. O atual momento, no qual, o indivíduo (nós) vive e requer não apenas viver e sim sobreviver, enfrenta-se uma pandemia, seja qual for; a atual é a de covid19, mas existem pandemias paralelas como a miséria e o consumismo, o isolamento social transforma-se naturalmente uma situação angustiante, indivíduos que vivem sozinho podem sentir um grau de solidão nunca experimentado, muitos estão preocupados com a saúde, trabalho, finanças etc.; aqueles que já lutam contra a ansiedade já sentem uma piora e para muitos esse momento que se enfrenta, tornou-se algo aterrorizante, no qual, pessoas com transtorno de ansiedade tem enfrentado uma “guerra”, não saber o que pode acontecer amanhã, a ansiedade em excesso é o que irá até mesmo aniquilar a muitos.

A solidão que se é enfrentada é algo de que muitas das vezes não se vê saída; é solitário, pois por mais que o indivíduo tenha pessoas ao seu redor, é difícil demonstrar o problema, por mais que queira conversar e ajudar o outro, se torna uma gigante tarefa e se torna também uma prisão dentro de si, por mais que o mesmo tente mudar a situação, não pode, pois encontra-se impossibilitando, em tempos “normais” tratar a ansiedade já era difícil, imagine-se em uma era líquida.

Numa sociedade marcada pela agitação, pela ansiedade e acima de tudo pela incapacidade de obter uma experiência profunda de felicidade e bem-estar, a disposição consumista desponta como uma forma compensatória do indivíduo vir a obter um razoável nível de prazer em sua vida cotidiana (BAUMAN, 2008, p. 9).

O mal-estar da pós modernidade (BAUMAN, 1998) visa segurança e liberdade; a modernidade sólida optou pela segurança/estabilidade a geração líquida “desfruta” da felicidade, então com isso pode-se dizer que a terapia dá a sensação de felicidade? Diante disso pode-se pensar que cada um sabe onde encontrar a sua felicidade, muitos encontram consumindo, outros se exercitando, outros comendo etc. Então até que ponto é válido a busca por felicidade momentânea? Se para Heráclito a felicidade era impossível, dada a mudança e exiguidade da vida, para Bauman é impensável.

Todas as relações fixas enrijecidas, com seu travo de antiguidade e veneráveis preconceitos e opiniões forma banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é solido desmancha no ar, tudo que é sagrado e profano e os homens finalmente são levados a enfrentar as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos. (BAUMAN, 2008, p. 7).

Nisso que entra a terapia, pois a terapia pode não ser boa de se fazer, por fazer o indivíduo sentir dor de se escutar a verdade, dor de se conhecer, mas no final é o mesmo, percebendo que sempre vai ser ele, por ele e por tudo aquilo que lhe parecia felicidade, é somente pelo corpo que sente uma emoção diferente e não tenta esconder algo. Psicologicamente a modernidade trata da identidade e de como se seguem padrões, por isso, a identidade torna-se algo incontrolável, mas factível, ou seja, inevitável, resta saber quem conseguirá se manter sano, com ou sem terapia (JAMESON, 2002).

CONCLUSÃO

Black Mirror uma série criada por Charli Brooker, em 2011, mostra relatos do atual mal-estar da pós modernidade onde as amizades são vividas por numerosas estrelas e o mundo sem curiosidade chega como algo triste. Conforme se buscou pensar, Bauman entende que a vida líquida e a modernidade líquida estão intimamente ligadas. A vida líquida é uma forma de existência, ou seja, de percepção e consciência que tende a ser levada adiante em uma sociedade cada vez mais líquida.

Nesse sentido, buscou-se inicialmente pensar a Modernidade Líquida como uma sociedade em que as condições, sob as quais, agem seus membros; transvertem-se num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação em hábitos e rotinas das formas de agir. A liquidez da vida e da sociedade se alimenta e se revigora mutuamente. A vida líquida, assim como a sociedade líquida não pode manter a forma ou permanecer muito tempo em sua forma originária.

Na visão de Bauman, a contemporaneidade pode ser caracterizada como a era da liquefação do ideal moderno, uma vida líquida numa modernidade líquida. Mas a modernidade não foi um processo de liquefação desde o começo? Assim tudo que é solido desmancha no ar. Isso denota que a modernidade líquida e a vida líquida, se tornou uma vida sem referenciais.

No atual século demonstra-se então que tudo é temporário desde as relações em grupo até o individualismo, a geração foi criada para acreditar que todos os caminhos da felicidade são através de ações e relações momentâneas, com isso muitos dos indivíduos,

pode-se desenvolver ansiedade por não se saber lidar tão bem, a próxima geração irá também se adaptar nesse meio e então não voltar ao sólido, o líquido ficará cada vez mais líquido, efêmero e passageiro.

O modernismo faz com que cada vez mais as pessoas percam a si mesmas, as pessoas se tornem mercadorias descartáveis, que precisam se remodelar continuamente para não ficarem “por fora”, como já dito, a felicidade hoje está baseada no consumo, quanto mais consumimos mais “felizes” (vazios) seremos. A busca da felicidade baseada em preceitos materialistas é uma constante, assim como o consumo também nunca terá um fim.

Com isso a felicidade aparenta estar em sentir-se parte de algum grupo estar sozinho em tempos de modernismo, não significa felicidade entre o pobre e o rico. Levanta-se então a pergunta: O rico sempre estará feliz em uma sociedade onde o consumo faz parte da felicidade? A felicidade parece apenas ter a ver com a satisfação de expectativas. O pobre consegue ser feliz com mais frequência exatamente porque a sua vida pede pouco para ser satisfeita, mas isso não é uma afirmação.

Pode-se afirmar como conclusão que se vive hoje numa cultura de lixo, como se entrou nessa época de liquidez? A liquidez das coisas está afetando muita gente, no atual momento, em que se vive nas redes sociais são nosso meio de comunicação social, mas ao mesmo tempo, de evasão, de anseio, de desejo de materialidade e solidez.

Antes ao se conectarem ao mundo pela internet, as pessoas estariam se desconectando da sua própria realidade, pois estar conectado e ser alienado, faz com que muitos indivíduos enfrentem cada vez mais crises e crises de ansiedade, o mundo online é uma excelente maneira de fugir da realidade, mas para outros com o que está enfrentando o mundo online seria uma porta para a ansiedade. Em uma sociedade em que a liquidez impera, nós podemos realmente tentar viver de forma mais “sólida”?

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2003.

_____. *Modernidade Líquida*, Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

_____. *Vida Líquida*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

_____. *Vida Para Consumo*, Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

FREUD, S. (1930). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

JAMESON, F. *Pós-modernismo: Lógica cultural do capitalismo tardio* (2a ed.) São Paulo: Ática. 2002.

KRAUS, Marcio. *Do mal-estar em Freud ao mal-estar em Bauman*, João pessoa, ideia, 2017.

LACAN, J. *O seminário: Livro 20: Mais ainda*. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

ZIZEK, S. *Bem-vindo ao deserto do real: Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo. 2003.

ZIZEK, S. Como Marx inventou o sintoma? In S. Zizek (Org.), *Um mapa da ideologia* (pp. 297-331). Rio de Janeiro: Contraponto. 1999.

Enviado em: 26/11/2021.

Aceito em: 30/11/2021.

RECIFAQUI
Revista Científica da Faculdade Quirinópolis